

**O FIM DO GUERREIRO: THE DEATH OF ODIN (A MORTE DE ODIN), DE  
ROBERT SOUTHEY (1795)**

**THE END OF THE WARRIOR: THE DEATH OF ODIN, BY ROBERT  
SOUTHEY (1795)**

Leandro Vilar Oliveira<sup>1</sup>

Thaís de Matos Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** *The Death of Odin* (A Morte de Odin) é um poema escrito pelo poeta, ensaísta e historiador inglês Robert Southey. O poema narra a despedida de Odin diante de familiares e companheiros de guerra, como também faz uma reflexão a respeito sobre a morte, a covardia, a honra e a vingança. Assim, em *The Death of Odin* encontramos algumas referências a mitologia nórdica, além de um discurso evemerista sobre Odin, sendo retratado como um chefe de origem germânica. O seguinte artigo consiste em uma tradução do poema de Robert Southey, realizada diretamente do Inglês para o Português, seguido de uma análise da referida obra.

**Palavra-chave:** Odin, mitologia nórdica, literatura inglesa.

**Abstract:** *The Death of Odin* is a poem written by the English poet, essayist, and historian Robert Southey. The poem narrates Odin's farewell to his family and fellow warriors, while the narrator also reflects on the warrior's end within the context of Norse mythology. In *The Death of Odin*, we find some references to Norse mythology, as well as a euhemeristic discourse about Odin, portraying him as a chieftain of Germanic origin. The following paper consists of a translation of Robert Southey's poem, done directly from English to Portuguese, followed by an analysis of the work.

**Keywords:** Odin, Norse mythology, English literature.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências das Religiões (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), membro do Museu Virtual Marítimo EXEA, professor, escritor e poeta. E-mail: [leandro.vilar@museuexea.org](mailto:leandro.vilar@museuexea.org). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências das Religiões (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), membro do TECLA - Grupo de Estudos sobre Religião e Gênero, professora. E-mail: [thais.m.barbosa@gmail.com](mailto:thais.m.barbosa@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6655-1409>.

## Introdução

Robert Southey (1774-1843) era filho de um comerciante chamado Thomas Southey e da dona de casa Margaret Hill. Ainda criança, ele ajudava na loja do pai, na Rua do Vinho, em Bristol. Após a morte dele, a loja passou a ser administrada por um tio seu. Por volta dos 13 anos, Margaret teve a ideia de enviar o filho para o seminário, mas esse acabou não demonstrando interesse pela carreira eclesiástica. Southey mais tarde se tornou um prolífico poeta, ensaísta, historiador e biógrafo britânico, tendo deixado uma vasta produção literária ao longo de mais de cinco décadas. Southey começou a escrever poesia ainda na adolescência, influenciado por alguns amigos como Robert Lovell (1771-1796) e Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), e anos depois no século XIX, ele e Coleridge se uniram a outros poetas e criaram um grupo literário chamado Poetas do Lago (*Lake Poets*), em referência à sede da organização que ficava no Lake District, no noroeste da Inglaterra. Por essa época Southey casou-se com Edith Ferrier com quem teve oito filhos. (Andrews, 2011).

Ainda na adolescência, Southey quase seguiu a carreira eclesiástica por influência de sua mãe, pois um dos irmãos dela era pastor, o qual inclusive levou o sobrinho para conhecer Portugal e Espanha, viagens que lhe despertaram o interesse pela história desses países. No começo do século XIX, Southey começou a focar na sua carreira literária, publicando várias coletâneas de poesia, mas também deu início aos estudos ensaísticos e a estudar história e colaborar regularmente com o periódico *Quarterly Review*. (Andrews, 2011).

A partir do ano de 1808 ele começou a publicar seus trabalhos históricos iniciando pelos feitos de El Cid (1043-1099), mais tarde em 1813 publicou sua primeira biografia, dedicada ao famoso almirante Horatio Nelson (1758-1805), conhecido por suas campanhas durante a Revolução Francesa (1789-1799) e o início das Guerras Napoleônicas (1803-1815). No mesmo ano ele ganhou o título honorífico de poeta laureado, concedido pelo rei George III aos melhores poetas do reino. Nas décadas seguintes seguiu publicando vários poemas, ensaios sobre política, costumes, religião, além de coletâneas de livros de história e algumas biografias. (Andrews, 2011).

No Brasil, o nome de Robert Southey não é totalmente desconhecido, mas é lembrado principalmente por seu trabalho histórico que resultou no livro *History of Brazil* (1810-1819), publicado em seis volumes, cobrindo a história brasileira de 1500 a 1808. A obra foi elogiada

no XIX como um estudo profundo e profissional, alçando Southey ao patamar de um dos mais importantes brasilianistas do período. (Varella, 2015).

No tocante ao seu trabalho sobre mitologia nórdica, esse foi bastante pontual, reflexo da fase jovem do autor ainda no século XVIII, época em que ele ingressava na poesia, sendo imaturo no mundo das letras, além de ter um posicionamento político exaltado, influenciado pela Revolução Francesa (1789-1799), o que marcou o tom de vários poemas desse período de sua vida. (Králóvá, 2019).

Na década de 1790 quando Southey começou a escrever poesia, ele se encontrava estudando no *Balliol College*, uma renomada instituição em Oxford. Ali ele fez amizade com jovens poetas, os quais mais tarde criaram um grupo literário como assinalado. Sua primeira obra conhecida foi um romance intitulado *Harold, or, The Castle of Morford*, escrito em 1791, inspirado na lenda de Robin Hood, mas que acabou não sendo publicado em vida pelo autor. Southey por influência dos amigos, decidiu investir na escrita de poemas. (Madden, 2002).

Na época de sua adolescência em Oxford, notícias sobre a Revolução Francesa chegavam com mais facilidade, e o jovem Southey e seus amigos se tornaram entusiastas dos ideários liberais promovidos pelos revolucionários, os quais defendiam a democracia, o republicanismo, a laicidade, o combate a autoridade do Antigo Regime e da Igreja Católica. Embora que anos depois Southey abandonaria os ideários republicanos, voltando-se a defender a monarquia parlamentarista britânica. (Madden, 2002).

Mas com a violência da revolução se acentuando após a execução do rei Luís XVI e da rainha Maria Antonieta em 1793, Southey e seu amigo Coleridge, decidiram publicar uma peça teatral intitulada *The Fall of Robespierre* (1794), uma clara referência a queda do advogado e revolucionário Maximilien de Robespierre (1758-1794), o qual corrompido pelo poder, se tornou um déspota, iniciando o Período do Terror (1793-1794), lembrado pela execução em massa de presos políticos. A obra dividida em três atos apresenta a decepção dos autores com a figura de Robespierre, além de ser uma crítica a violência desenfreada que a revolução havia tomado. (Madden, 2002).

Após a publicação dessa peça, Southey decidiu publicar outros de seus trabalhos, dessa vez em parceria com seu amigo Robert Lovell, no que resultou no livro *Poems: Containing the Retrospect, Odes, Elegies, Sonnets, &c* (1795), uma coletânea com 32 poemas, sendo a maior parte escrita por Southey, o qual assinou com o pseudônimo de Bion, totalizando 21 poesias, já

Lovell usou o pseudônimo Moschus, escrevendo 11 poemas. O livro em si reúne sonetos, elegias e odes, abordando o cotidiano, a vida, reflexões, figuras bíblicas e mitológicas.

No caso de Robert Southey, ele escreveu a maior parte dos poemas que compõem o livro, sendo que dois deles abordam mitologia nórdica, tratando-se do *The Death of Odin* (1792) e *The Race of Odin* (1795). Ambos são as únicas produções de Southey acerca dos mitos nórdicos, os quais inclusive representam a visão de jovem poeta revolucionário que ele possuía na década de 1790, algo nitidamente percebido na forma como ele trata o Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.) como símbolo da opressão.



Figura 1: Retrato de Robert Southey aos 21 anos. Pintura de Peter Vandyke, 1795. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Southey#/media/File:Robert\\_Southey\\_by\\_Vandyke.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Southey#/media/File:Robert_Southey_by_Vandyke.jpg).

Na época em que Southey escreveu seus dois poemas, a temática sobre a mitologia nórdica e os vikings ainda não havia se popularizado bastante pela Europa, apesar de haver publicações artísticas, livros de história e ensaios a respeito dos mitos nórdicos, especialmente pela Escandinávia e a Alemanha, de onde podemos citar as ilustrações feitas por Ólafur Brynjúlfsson para a *Saemundar og Snorra Edda* (1760), a pintura *Ymer dier koen Ødhumbla* (c. 1777) do pintor dinamarquês Nicolai Abildgaard, a série de ilustrações de Johannes Wiedewelt para ópera *Balders Død* (1780) e a pintura *Thor Battering the Midgard Serpent* (1790) do pintor

anglo-suíço Henry Fuseli. O poeta e compositor dinamarquês Johannes Ewald se destacou nesse período com o poema *Rolf Krake* (1770) e a ópera *Balders Død* (1780). (Ljøgodt, 2012).

O contexto no qual Southey viveu antecedeu em poucas décadas o despontar da chamada Vikingmania<sup>3</sup>, a qual apenas eclodiu no século XIX, num período em que Southey já não se interessava mais pelo assunto. Assim, quando ele redigiu esses poemas, ocorria na Escandinávia o chamado Renascimento Nórdico (1750-1800), uma fase marcada por uma forte influência tardia da renascença italiana, época na qual autores escandinavos, mas também britânicos, alemães e franceses demonstravam interesse pela mitologia nórdica e a literatura escandinava medieval, destacando-se as *Eddas* e as sagas islandesas, obras que estavam sendo traduzidas. Entretanto, os artistas do XVIII, representavam os deuses nórdicos a partir de uma visão renascentista, retratando-os ora usando trajes greco-romanos ou vestindo armaduras medievais ou modernas. (Ross; Lönnroth, 1999). Essas características são interessantes, pois em ambos os poemas de Southey, ele comparava os nórdicos com os germânicos da época do Império Romano.

Neste caso, no século XVIII, na Inglaterra, já estava despontando traduções da literatura escandinava, reflexo do Renascimento Nórdico. A respeito, o livro do historiador dinamarquês Paul Henri Mallet (1730-1807) intitulado *Introduction à l'histoire du Danemarck où l'on traite de la religion, des mœurs, des lois, et des usages des anciens Danois* (1756) apresentava uma pesquisa monográfica sobre a história dinamarquesa, além de reunir também narrativas folclóricas e mitológicas. A obra se tornou uma referência e recebeu traduções, incluindo para a língua inglesa feita pelo bispo Thomas Percy (1729-1811), o qual alterou o título para *Northern Antiquities* (1770), em cujo volume II contém uma tradução parcial da *Edda em Prosa* (séc. XIII), um manual de mitologia nórdica e poesia redigido por Snorri Sturluson (1179-1241), uma das mais importantes fontes para o estudo dos mitos nórdicos. (Ross; Lönnroth, 1999).

---

<sup>3</sup> A Vikingmania consiste “na representação contemporânea sobre os vikings, surgido com o Romantismo do século XIX, construído a partir das artes plásticas, música, literatura e teatro, posteriormente sendo reformulado nos séculos XX e XXI, passando pelo cinema, histórias em quadrinhos, seriados e videogames, os quais forneceram concepções estereotipadas que ajudaram a construir o senso comum que atualmente temos sobre os vikings, em respeito a seu visual, cultura, sociedade, história, costumes e crenças, desenvolvidos para intuítos estéticos, políticos, sociais e mercadológicos. Dessa forma, a Vikingmania pode ser considerada um tipo de cultura visual, midiática e identitária”. (Oliveira, 2021, p. 471-472).

Sendo assim, esse livro já circulava na época da juventude de Southey. Além disso, citamos também o poeta Thomas Gray (1716-1771), o qual redigiu os poemas *The Descent of Odin*<sup>4</sup> (1768) e *The Fatal Sisters* (1768), ambos os trabalhos apresentam influência da mitologia nórdica e fizeram relativo sucesso na época, tendo inspirado as publicações de Southey, como comentou O'Donoghue (2018).

Mas se por um lado a *Edda em Prosa* já tinha sido traduzida parcialmente, já a *Edda Poética* (séc. XIII) – outra importante fonte para os mitos nórdicos, consistindo numa coletânea de poemas de autoria anônima –, parte dos poemas tinham sido traduzidos para a língua inglesa, porém, uma tradução mais volumosa foi feita pelo poeta e tradutor Amos Simon Cottle (1766-1800), sendo intitulada *Icelandic poetry or The Edda of Sæmund* (1797). Esse livro contou com um poema de Southey em homenagem ao autor, além disso, ele era amigo de Joseph Cottle (1770-1853), irmão de Amos. Por conta disso, Southey teve conhecimento da mitologia nórdica também através do contato com os irmãos Cottle. (Madden, 2002).

Králová (2019) comenta que Southey teve influência do trabalho de Cottle, mas também de Mallet, especialmente no tocante a associar os nórdicos como sendo os descendentes dos germânicos da época do Império Romano. Por sua vez, ela assinala que o poema *The Death of Odin* possa ter sido escrito por volta de 1792, já que é mencionado numa carta de Southey para Coleridge. Já o poema *The Race of Odin* parece ter sido escrito posteriormente como sugere a autora. No entanto, embora haja dúvidas quanto as datas de suas composições, ambos foram publicados somente em 1795.

Mas apesar desse contato com traduções das *Eddas* e até com obras que faziam referências a mitologia nórdica, o poema *The Race of Odin* pouco explora elementos mitológicos, por conta disso, optamos em analisar o segundo poema de Southey, o *The Death of Odin* por esse conter mais elementos mitológicos para nossa análise. Dessa forma, a tradução foi realizada pela Dra. Thaís de Matos Barbosa com notas do Dr. Leandro Vilar Oliveira. Por sua vez, ambos fizeram a análise da obra.

Assim, em termos literários o poema não possui uma métrica constante, apresentando longas estrofes com até mais de 20 versos. No entanto, quase todos os versos finalizam com

---

<sup>4</sup> Uma tradução em português desse poema pode ser consultada no volume 3 do Scandia: Journal of Medieval Norse Studies, no seguinte link: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/scandia/article/view/54487>.

rimas. Porém, a composição rítmica não é padronizada, em que algumas estrofes apresentam variações quanto a ela. Todavia, para essa tradução optamos em não manter as rimas, pois é inviável e se fosse o intuito, acabaria por alterar significativamente o sentido, assim, decidimos por uma tradução mais livre com o propósito de preservar o sentido do texto. Apesar disso, os leitores podem conferir o material original exposto nas páginas seguintes.

### Tradução

The Death of Odin	A Morte de Odin
SOUL of my much-lov'd FREYA! <sup>5</sup> yes, I come! No pale disease's slow- consuming power Has hasten'd on thy husband's hour; Nor pour'd by victor's thirsty hand Has ODIN's life bedew'd the land: I rush to meet thee by a self- will'd doom. No more my clattering iron car Shall rush amid the throng of war; No more, obedient to my heavenly cause, Shall crimson conquest stamp his ODIN's laws. I go – I go; Yet shall the nations own my sway Far as yon orb shall dart his all- enlivening ray:	ALMA de minha amada FREYA! Sim, eu venho! Não foi o lento poder da doença pálida Que apressou a hora de teu marido; Nem por mão sedenta de vitória, ODIN regou a terra com sua vida: Corro ao teu encontro por um destino auto-imposto. Não mais meu carro de ferro tilintante Correrá em meio à multidão da guerra; Não mais, obediente à minha causa celestial, A conquista carmesim imprimirá as leis de seu ODIN. Eu vou – eu vou; Contudo, as nações reconhecerão meu domínio Tão longe quanto aquele orbe <sup>6</sup> lançar seu raio vivificante: Grande é a nuvem de desgraça <sup>7</sup> , carregada de morte,  Que paira, Roma orgulhosa, sobre teu muro,

<sup>5</sup> No texto original os nomes mitológicos aparecem em caixa alta. Decidimos manter essa decisão do autor.

<sup>6</sup> Referência ao Sol.

<sup>7</sup> Roma é representada por adjetivos negativos ao longo do poema.



<p>Big is the death-fraught cloud of woe That hangs, proud Rome, impending o'er thy wall, For ODIN shall avenge his ASGARD's fall.</p>	<p>Pois ODIN vingará a queda de sua ASGARD.</p>
<p>Thus burst from Odin's lips the fated sound, As high in air he rear'd the gleaming blade; His faithful friends around In silent wonder saw the scene, affray'd: He, unappall'd, towards the skies Uplifts his death-denouncing eyes; "Ope wide VALHALLA's shield-roof'd hall", "Virgins of bliss! obey your master's call"; "From these injurious realms below" "The sire of nations hastes to go."</p>	<p>Assim, da boca de Odin, irrompeu o som fatídico, Enquanto ele erguia a lâmina reluzente; Seus fiéis amigos ao redor Em mudo espanto viam a cena, amedrontados: Ele, impávido, para os céus Ergue seus olhos que anunciam a morte; "Abram o vasto salão de VALHALLA, coberto de escudos<sup>8</sup>", "Virgens<sup>9</sup> da bem-aventurança! obedçam ao chamado de seu senhor"; "Destes reinos injuriosos abaixo" "O pai das nações se apressa a partir."</p>
<p>Say, falters now your chieftain's breath? Or chills pale terror now his death-like face? Then weep not, THOR, thy friend's approaching death, Let no unmanly tears disgrace The first of mortal's valiant race: Dauntless HEIMDAL, mourn not now,</p>	<p>Diga, falha agora o hálito de seu chefe? Ou o terror pálido agora gela sua face mortal? Então não chores, THOR, a morte que se aproxima de teu amigo, Que nenhuma lágrima efeminada desonre A primeira raça valente dos mortais: Intrépido HEIMDAL, não chores agora, BALDER! limpa tua fronte nublada;</p>

<sup>8</sup> Referência a uma descrição do poema *Grimnismál* encontrada na estrofe nove, onde se informa que o telhado de Valhala seria feito com escudos, assim como, suas colunas seriam feixes de lanças e nas paredes haveriam cotas de malhas. Essa descrição é encontrada também no *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*.

<sup>9</sup> Referência as valquírias.



<p>BALDER! clear thy cloudy brow; I go to happier realms above, To realms of friendship and of love.</p>	<p>Eu vou para reinos mais felizes acima, Para reinos de amizade e de amor.</p>
<p>This unmanly grief dispelling, List to glory's rapturous call; So with ODIN ever dwelling, Meet him in the shield-roof'd hall: Still shall ODIN's fateful lance Before his daring friends advance; When the bloody fight beginning, Helms and shields, and hauberks ringing, Streaming life each fatal wound Pours its current on the ground; Still in clouds portentous riding O'er his comrade host presiding. ODIN, from the stormy air, O'er your affrighted foes shall scatter wild despair.</p>	<p>Dissipando esta tristeza efeminada, Ouvi o chamado arrebatador da glória; Assim, com ODIN, sempre habitando, Encontrei-o no salão coberto de escudos<sup>10</sup>: Ainda a lança fatídica<sup>11</sup> de ODIN Avançará diante de seus amigos ousados; Quando a sangrenta luta começar, Elmos e escudos, e gibões ressoando, A vida jorrando de cada ferida fatal Derrama sua corrente no chão; Ainda em nuvens portentosas cavalgando Presidindo sobre sua hoste de camaradas<sup>12</sup>. ODIN, do ar tempestuoso, Sobre vossos inimigos aterrorizados espalhará selvagem desespero.</p>
<p>'Mid the mighty din of battle, Whilst conflicting chariots rattle, Floods of purple slaughter streaming, Fate-fraught falchions widely gleaming; When MISTA marks her destin'd prey, When dread and death deform the day; Happy he amid the strife,</p>	<p>Em meio ao poderoso clamor da batalha, Enquanto os carros em conflito chacoalham, Inundações de matança púrpura jorrando, Falcões carregados de destino amplamente reluzindo; Quando MISTA<sup>13</sup> marca sua presa destinada,</p>

<sup>10</sup> Menção a Valhala.

<sup>11</sup> Referência a Gungnir a lança de Odin, a qual tinha o poder de quando arremessada, jamais erraria o alvo.

<sup>12</sup> Possível referência a caçada selvagem. A ligação de Odin com essa narrativa é posterior a Era Viking.

<sup>13</sup> Referência a valquíria Mist. Seu nome consta numa lista de nomes de valquírias na estrofe 37 do poema *Grimnismál*.



<p>Who pours the current of his life; Every toil and trouble ending, ODIN from his hall descending, Shall bear him to his blest retreat, Shall place him in the warrior's seat.</p>	<p>Quando o pavor e a morte deformam o dia; Feliz aquele em meio à luta, Que derrama a corrente de sua vida; Todo trabalho e problema terminando, ODIN de seu salão descendo, O levará para seu abençoado refúgio, O colocará no assento do guerreiro<sup>14</sup>.</p>
<p>Not such the destin'd joys that wait The wretched dastard's future fate: Wild shrieks shall yell in every breath, – The agonizing shrieks of death Adown his wan and livid face Big drops their painful way shall trace; Each limb in that tremendous hour Shall quiver in disease's power. Grim HELA o'er his couch shall hang, Scoff at his groans, and point each pang; No Virgin Goddess him shall call To join you in the shield-roof'd hall; No Valkery for him prepare The smiling mead with lovely care: Sad and scorn'd the wretch shall lie, Despairing shriek – despairing die!</p>	<p>Não tais são as alegrias destinadas que aguardam o futuro destino do infeliz covarde: Uivos selvagens clamarão em cada respiração, – Os uivos agonizantes da morte. Por sua face pálida e lívida Grandes gotas traçarão seu caminho doloroso; Cada membro nessa hora tremenda Tremará no poder da doença. HELA sombria sobre seu leito pairará, Zombará de seus gemidos, e apontará cada dor; Nenhuma Virgem Deusa<sup>15</sup> o chamará Para se juntar a vós no salão coberto de escudos; Nenhuma Valquíria para ele preparará O hidromel sorridente com belo cuidado: Triste e escarnecido o infeliz jazerá, Desesperado uivará – desesperado morrerá! Nenhum Escaldo<sup>16</sup> em versos imortais Erguerá o templo de seu louvor; Nenhuma Virgem em sua flor primaveril</p>

<sup>14</sup> Esse verso e o anterior se referem à crença de que os guerreiros valorosos ao morrerem em combate, teriam suas almas conduzidas ao Valhala. O assento do guerreiro seria uma referência ao banco da mesa de Odin, neste salão.

<sup>15</sup> Possível referência às valquírias, já que algumas eram descritas como sendo virgens.

<sup>16</sup> Os escaldos eram os poetas e contadores de história na cultura escandinava da Era Viking (VIII-XI).



<p>No Scald in never-dying lays Shall rear the temple of his praise; No Virgin in her vernal bloom Bedew with tears his high-rear'd tomb; No Soldier sound his honor'd name; No song shall hand him down to fame; But rank weeds o'er the inglorious grave Shall to the blast their high heads wave; And swept by time's strong stream away, He soon shall sink – oblivion's prey; And deep in Niflheim – dreary cell, Aye shall his sprite tormented dwell, Where grim Remorse for ever wakes, Where Anguish feeds her torturing snakes, Where Disappointment and Delay For ever guard the doleful way; Amid the joyless land of woe Keen and bleak the chill blasts blow; Drives the tempest, pours the rain, Showers the hail with force amain; Yell the night-birds as they fly Flitting in the misty sky;</p>	<p>Regará com lágrimas seu túmulo elevado; Nenhum Soldado soará seu nome honrado; Nenhuma canção o transmitirá para a fama; Mas ervas daninhas sobre a sepultura ingloriosa Acenarão com suas cabeças altas ao vendaval; E levado pela forte corrente do tempo, Ele logo afundará – a presa do esquecimento; E nas profundezas de Niflheim – cela lúgubre, Sim, seu espírito atormentado habitará, Onde o Remorso sombrio para sempre vigia, Onde a Angústia alimenta suas cobras torturantes<sup>17</sup>, Onde o Desapontamento e a Demora Para sempre guardam o caminho doloroso; Em meio à terra sem alegria da desgraça Frio e cortante o vento gelado sopra; O vendaval impele, a chuva derrama, Chuva de granizo com força violenta; Crocitam as aves noturnas enquanto voam Flutuando no céu enevoadado; Brilha a víbora, incha o sapo, Pois triste é a morada fria de HELA.</p>
--	--

<sup>17</sup> Referência ao salão de Náströnd.



<p>Glows the adder, swells the toad, For sad is HELA's cold abode.</p>	
<p>Spread then the Gothic banners to the sky, Lift your sable banners high; Yoke your coursers to the car, Strike the sounding shield of war; Go, my lov'd companions, go Trample on the opposing foe; Be like the raging torrent's force, That, rushing from the hills, speds on its foaming course.</p>	<p>Espalhai então os estandartes Góticos<sup>18</sup> para o céu, Erguei vossos estandartes sombrios alto; Atrelai vossos corcéis ao carro, Batei no escudo sonoro da guerra; Ide, meus amados companheiros, ide Pisoteai o inimigo oposto; Sede como a força da torrente raivosa, Que, correndo das colinas, apressa seu curso espumante.</p>
<p>Haste, my sons, to war's alarms, Triumph in the clang of arms; Joy amid the warlike toil, Feed the raven with your spoil; Go, prepare the eagle's food, Go, and drench the wolf with blood, 'Till ye shall hear dark HELA's call, And virgins waft ye to my hall; There, wrapt in clouds, the shadowy throng To airy combat glide along;  'Till wearied with the friendly fight, SERIMNER's flesh recruits their might;</p>	<p>Apressai-vos, meus filhos, para os alarmes da guerra, Triunfai no clangor das armas; Alegrai-vos em meio ao trabalho guerreiro, Alimentai o corvo com vosso saque; Ide, preparai o alimento da águia, Ide, e encharcai o lobo com sangue, 'Até que ouçais o chamado da sombria HELA, E virgens vos conduzam para meu salão; Lá, envolta em nuvens, a multidão sombria<sup>19</sup> Para o combate aéreo desliza;  'Até que cansados da luta amigável, A carne de SERIMNER<sup>20</sup> revigora sua força;</p>

<sup>18</sup> Gótico é uma referência aos Godos, um povo de origem germânica, que se espalharam pela Europa e confrontaram ou se aliaram aos romanos em diferentes épocas da Idade Antiga. Por conta de Odin nesse poema ser de origem germânica, ele estaria associado aos Godos. (Darvill, 2009).

<sup>19</sup> Possível referência aos Einherjar, os guerreiros escolhidos por Odin para viverem em Valhala. No mito do Ragnarök é informado que as hordas de einherjar desceriam de Asgard.

<sup>20</sup> Trata-se de Sæhrímnir, um javali que vive em Valhala, o qual é abatido pelo cozinheiro Andhrímnir e cozinhado no caldeirão Eldhrímnir. Esse javali era abatido para ser servido no banquete de Odin. No dia seguinte ele era ressuscitado para ser morto novamente.



<p>There, whilst I grasp the Roman skull,          With hydromel sweet-smiling full,          The festive song shall echo round,          The Scald repeat the deathless sound:          Then, THOR, when thou from fight shall cease,          When death shall lay that arm in peace,          Still shall the nations fear thy nod,          The first of warriors now, and then their god;          But be each heart with rage possest,          Let vengeance glow in every breast;          Let conquest fell the Roman wall,          Revenge on Rome my ASGARD's fall.</p>	<p>Lá, enquanto eu seguro o crânio Romano,          Com hidromel doce-sorridente cheio<sup>21</sup>,          A canção festiva ecoará ao redor,          O Escaldo repetirá o som imortal:          Então, THOR, quando tu da luta cessares,          Quando a morte deitar aquele braço em paz,          Ainda as nações temerão teu aceno,          O primeiro dos guerreiros agora, e então seu deus;          Mas que cada coração seja possuído pela raiva,          Que a vingança brilhe em cada peito;          Que a conquista derrube o muro Romano,          Vingai em Roma a queda de minha ASGARD.</p>
<p>The Druid throng shall fall away,          And sink beneath your victor sway;          No more shall nations bow the knee,          Vanquish'd TARANIS, to thee;          No more upon the sacred stone, TENTATES, shall thy victims groan;</p>	<p>A multidão Druida<sup>22</sup> cairá,          E afundará sob vosso domínio vitorioso;          Não mais as nações se curvarão o joelho,          Vencido TARANIS<sup>23</sup>, a ti;          Não mais sobre a pedra sagrada, TENTATES<sup>24</sup>, tuas vítimas gemerão;          O ODIN vencido, Roma, causará tua queda,</p>

<sup>21</sup> Nesse verso e no anterior se depreende que Southey esteja aludindo ao imaginário sombrio de que os nórdicos tomariam bebidas em crânios humanos.

<sup>22</sup> Southey se referiu aos povos Celtas, os quais confrontaram os romanos em diferentes momentos e lugares.

<sup>23</sup> Divindade celta associada com o trovão e os raios.

<sup>24</sup> Divindade celta associada com a proteção das tribos e a guerra.



<p>The vanquish'd ODIN, Rome, shall cause thy fall, And his destruction shake thy proud imperial wall.</p>	<p>E sua destruição abalará teu muro imperial orgulhoso.</p>
<p>Yet, my faithful friends, beware Luxury's enervng snare; 'Twas this that shook our ASGARD's dome, That drove us from our native home; 'Twas this that smooth'd the way for victor Rome: Gaul's fruitful plains invite your sway, Conquest points the destin'd way; Conquest shall attend your call, And your success shall gild still more VALHALLA's hall.</p>	<p>Contudo, meus fiéis amigos, cuidado Com a armadilha enervante do luxo; Foi isso que abalou a cúpula de nossa ASGARD, Que nos expulsou de nosso lar nativo; Foi isso que suavizou o caminho para a vitoriosa Roma: As planícies férteis da Gália convidam vosso domínio<sup>25</sup>, A conquista aponta o caminho destinado; A conquista atenderá vosso chamado, E vosso sucesso ainda mais dourará o salão de VALHALLA.</p>
<p>So spake the dauntless chief, and pierc'd his breast, Then rush'd to seize the seat of endless rest.</p>	<p>Assim falou o chefe destemido, e perfurou seu peito, Então correu para tomar o assento do descanso eterno.</p>

### Análise

Odin é uma das divindades mais reconhecidas da mitologia nórdica, o rei dos deuses do panteão escandinavo, o deus dos guerreiros, dos reis, da vitória em batalha, além de ser uma divindade associada com a sabedoria, a inspiração poética, a magia e as runas. Dessa forma, Odin agregava em si uma série de atribuições, embora nem sempre presentes nas mesmas fontes mitológicas. Por outro lado, sua associação com a cultura marcial é a condição que se

<sup>25</sup> Referência a conquista romana sobre a Gália na década de 50 a.C. O território que a grosso modo equivale a atual França, era cobiçado pelos romanos por suas vastas terras férteis.

destacou mais, devido à grande ênfase dada a isso nas fontes mitológicas, parte delas preservadas por cronistas oriundos da elite ou à serviço dessa. (Langer, 2015).

Por conta de ser uma divindade bastante proeminente do panteão nórdico, Robert Southey decidiu escolher Odin para ser personagem de dois de seus poemas, possivelmente tenha feito também essa escolha depois de ler o poema *The Descent of Odin* (1768) de Thomas Gray. Assim, em *A Morte de Odin* como o próprio título sugere, trata-se de um poema que apresenta os últimos momentos da divindade nórdica, o qual estar em seu leito de morte, então se despede de seus familiares e companheiros de guerra. Essa despedida é marcada por um misto de lamento, desprezo e exortação. No caso, o poema é narrado a partir de um monólogo do deus Odin (eu lírico), o qual fala de si ora em primeira ou terceira pessoa. (Králová, 2019).

Segundo O'Donoghue (2018) o tom dramático de despedida desse poema seria uma influência do poema *The Dying Ode of Regner Lodbrog* (1763) de Thomas Percy, consistindo em uma tradução do *Krakumál*, um poema medieval que apresenta a morte do lendário rei Ragnar Lodbrok. A obra se tornou bastante popular “que havia sido muito citado por antiquários antes de Percy e estabeleceu a imagem popular do viking que desafia a morte e que a acolhe com risos desafiadores” (O'DONOGHE, 2018, p. 384, tradução nossa).

O comentário de O'Donoghue é bastante pertinente, pois no poema sobre Ragnar, o mesmo inicia-o reportando-se a sua esposa Thora, mesma condição vista no poema de Southey, em que Odin começa seu lamento dirigindo a palavra a sua esposa Freya. Aqui temos outro aspecto a ser analisado.

Na mitologia nórdica a esposa de Odin era a deusa Frigga, isso sendo atestado em diferentes poemas. No entanto, uma teoria pós-Era Viking assinalava que Frigga e Freya seriam nomes distintos para a mesma divindade. Essa teoria inclusive ganhou apoio entre algumas acadêmicas no século XX como Britt-Mari Näsström, Lotte Motz e Marija Gimbutas, as quais chegaram a defender com base na Teoria da Trifuncionalidade de Georges Dumézil, que Frigga e Freya poderiam ser aspectos de uma mesma deusa. Inclusive Näsström e Gimbutas defendiam que as duas divindades personificariam uma espécie de “deusa-mãe nórdica”. (Grundy, 1996). Assim, essa ideia de que Freya poderia ter sido a esposa de Odin já circulava desde o século XVIII, pelo menos.

Dando continuidade à análise do poema, Odin fala em tom de despedida para sua esposa e companheiros, dizendo que se tratava de uma escolha, de um “destino auto-

imposto”, pois não morreria de doença, tampouco foi ferido. No final do poema fica mais claro essas palavras. Ademais, ele em seguida diz que seu nome será lembrado e que ele está determinado a vingar a destruição de Asgard causada por Roma. Para entender essa referência se faz necessário comentar o outro poema de Southey, *The Race of Odin* (1795).

Nessa obra o deus é representado como sendo um humano divinizado, um poderoso e afamado chefe de guerra que combateu os antigos romanos para defender suas terras e seu povo, mas acabou sendo derrotado pelo poderio do Império Romano. Apesar de vencido, ele jurou vingança. Segundo Králová (2019), esse segundo poema parece ter sido escrito posteriormente, no entanto, na organização do livro *Poems* (1795), Southey e Lovell colocaram *The Race of Odin* antes de *The Death of Odin*, como forma de gerar uma linha de continuidade, pois no primeiro poema vemos a derrota de Odin diante dos romanos, por sua vez, no segundo poema, a sua morte.

Por conta disso, encontramos toda uma exortação aos feitos do povo de Odin (os germânicos) e a promessa de vingança a ser realizada contra os romanos, tratados em ambos os poemas como grandes vilões, uma clara referência a posição política de Southey na época que escreveu essas obras, período em que ele era adepto dos ideais da Revolução Francesa, a qual era contrária ao Absolutismo do Antigo Regime<sup>26</sup>. Assim, para Southey, o Império Romano<sup>27</sup> simbolizava todos os problemas do Absolutismo.

Sobre isso temos alguns comentários. A ideia de retratar Odin como uma figura evemerista, ou seja, uma falsa divindade, pois ele teria sido um homem real ou lendário que ganhou status divino, não foi uma invenção de Southey. Essa tendência já existia desde a Idade Antiga, quando surgiu com o escritor grego Evêmero (c. 330 – c. 250 a.C), o qual contestava se os deuses e os heróis não teriam sido pessoas reais que acabaram sendo mitificadas. A teoria de Evêmero que passou a ser chamada de Evemerismo, séculos depois foi utilizada por autores

---

<sup>26</sup> O Antigo Regime foi um sistema político, econômico e social de caráter monarquista, desenvolvido na Europa entre os séculos XV e XIX, baseado no absolutismo monárquico, na economia mercantilista e numa estratificação social ainda influenciada pelo feudalismo. No caso da monarquia absolutista essa se expressava com a exagerada autoridade que os monarcas possuíam, por isso serem chamados de “absolutistas”. (Anderson, 1974).

<sup>27</sup> Mortensen (2000) comenta que Southey não era totalmente apático a história romana, pois ele admirava o período republicano (509-27 a.C.), uma referência ao seu posicionamento revolucionário na década de 1790.

cristãos para justificar a ideia de “falsos deuses” no intuito de endossar o discurso de Deus como única divindade verdadeira. (Wellendorf, 2018).

Sendo assim, no medievo tivemos casos do tipo, e no contexto escandinavo destacamos o clérigo dinamarquês Saxo Grammaticus (c. 1150 – c. 1220), autor da *Gesta Danorum*, uma crônica dividida em dezesseis livros, os quais abordam a história da Dinamarca desde o lendário rei Dan I até o rei Canuto VI (r. 1182-1202). Nesse livro o autor retratava Odin e os demais deuses como tendo sido pessoas reais que foram divinizadas. Assim, Odin é descrito como um rei que governava um reino na Ásia, que eventualmente migrou para o Norte da Europa, onde fez fama como guerreiro, feiticeiro e conselheiro. (Saxo Grammaticus, 2015).

Essa teoria de que Odin teria sido um humano divinizado também é encontrada em outras fontes escandinavas, duas delas atribuídas ao poeta e escritor islandês Snorri Sturluson, autor da *Heimskgringla* e da *Edda em Prosa*. No primeiro livro temos a *Yngliga saga*, uma versão sobre a dinastia dos Ynglingos, uma lendária família real norueguesa-sueca. Nesse relato, Odin e os outros deuses eram humanos. Já no prefácio da *Edda em Prosa*, encontra-se um discurso evemerista sobre a mitologia nórdica, sugerindo que os deuses Ases teriam vindo de um reino na Ásia, sendo eles originalmente humanos<sup>28</sup>. (Simek, 1993).

Assim, desde a Idade Média a ideia de que Odin poderia ter sido um rei ou chefe real que em algum momento se tornou lendário a ponto de virar um “deus”, já existia. Por sua vez, na Idade Contemporânea, além de Southey, outros autores como o historiador Edward Gibbon (1737-1794) e o poeta William Drummond (1770-1828), também usaram esse discurso. (Rix, 2010). Logo, essa visão evemerista sobre Odin está presente nos dois poemas de Southey, o qual tratava o deus como sendo um chefe de origem germânica, cujas terras foram invadidas pelos romanos, levando a destruição de sua capital “Asgard”.

A escolha dos germânicos para representar a “raça de Odin” – título do outro poema de Southey –, se deve a condição de que os germânicos foram um dos “povos” mais ao norte da Europa com os quais os romanos tiveram contato. Porém, a própria noção de germânico é problemática. O termo era usado genericamente pelos romanos para se referir a vários povos que habitavam o que eles chamavam de Germânia, uma vasta região que englobava os atuais territórios da Alemanha, sul da Dinamarca, Holanda, Bélgica, norte da França e oeste da

---

<sup>28</sup> Uma análise sobre o evemerismo acerca de Odin em fontes medievais está para ser publicada no projeto *Como estudar os mitos*, desenvolvido pelo NEVE, cujo livro está no prelo.

Polônia e da Áustria, os quais compartilhavam línguas aparentadas e supostamente teriam os mesmos costumes e crenças. O historiador e político Públio Cornélio Tácito (c. 56 – c. 117) redigiu um importante livro sobre esses povos, intitulado *Germania*, que se tornou referência na época. (Goffart, 2006).

Alguns autores romanos distinguiram os germânicos em “tribos” nomeando-as como marcomanos, teutões, cimbrós, lombardos, alamanos, bávaros, godos, vândalos etc. Esses vários povos foram confrontados pelos romanos ao longo da expansão de seu império, inclusive alguns invadiram os domínios romanos para conquistar terras ou realizar saques. (Goffart, 2006). Assim, por conta da região da Escandinávia ficar ao norte da Germânia, e os escandinavos serem povos de origem germânica, Southey associou Odin com eles. Ideia até desenvolvida por outros artistas e estudiosos ao longo do século XIX e começo do XX.

Para Mortensen (2000) e Králová (2019), Southey foi influenciado pelo livro de Mallet sobre a história escandinava, de forma a retratar os germânicos como povos oprimidos pela tirania do Império Romano. A respeito, os autores também apontaram possíveis influências de filósofos iluministas como o Barão de Montesquieu (1689-1755) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), para compreender o posicionamento político contido nos dois poemas de Southey sobre Odin, em que ele representou a resistência germânica como sendo uma resistência contra a opressão absolutista do Império Romano.

Sobre isso, salientamos que os comentários de Mortensen e Králová são corretos, pois nos dois poemas, os ditos “povos bárbaros”, não são tratados como inimigos, tampouco são desclassificados como cultura, mas eles são as vítimas naquela história, na qual os algozes foram os romanos que invadiram os territórios deles para conquistá-los. Assim, a visão da destruição de Roma é simbolicamente associada com a libertação contra a tirania, reflexo direto do contexto político do qual Southey era adepto, a respeito citamos o comentário de Králová, ao dizer que “Southey apresentou o conflito entre Roma e a descendência de Odin como o embate entre o Antigo Regime e as forças revolucionárias do republicanismo moderno”. (Králová, 2019, p. 139, tradução nossa).

Prosseguindo com a narrativa, Odin empunhou uma lâmina contra si e deixou seus companheiros temerosos. Em seguida ele clamou dizendo que se preparava para ir ao Valhala e convocou as valquírias para ir buscá-lo. Neste ponto, temos um aspecto curioso. Odin é o senhor de Valhala (salão dos mortos) e das Valquírias (aquela que escolhe os mortos), porém,

no poema ele se comporta como se não tivesse poder para viajar para lá, assim, se fazia necessário uma ação que permitisse ele realizar essa viagem ao Valhala.

Enquanto ele não concretizava esse ato, ele clamava para que Thor, Heimdal e Balder não ficassem tristes, inclusive nesse ponto do poema, Odin os exorta a não chorar por ele, pois aqueles bravos homens se chorassem, estariam agindo como mulheres, por conta disso ele falava para que não fossem “derramadas lágrimas efeminadas”. Aqui observa-se um típico estereótipo de que o choro de pesar é associado a uma condição de fraqueza e feminina. Além disso, essa parte do poema é a única na qual encontra-se os nomes dos deuses Heimdal e Balder, que aparecem de forma breve e sem significância.

No entanto, Thor e Balder eram filhos de Odin, o primeiro afamado como sendo o deus do trovão e dos raios, já Balder era conhecido por ser uma divindade pacífica e pura, cuja morte está ligada ao mito do Ragnarök. No entanto, ambas as características são ignoradas no poema. Por sua vez, Heimdal, que é chamado de intrépido, era conhecido como sendo o guardião de Asgard. Assim, Heimdal vivia vigilante para impedir que invasores adentrassem ao reino dos deuses. (Simek, 1993).

Odin então prossegue com sua exortação sobre seus feitos marciais em liderar seus companheiros de guerra. Inclusive assinalamos uma possível referência a lenda da caçada selvagem, a qual no contexto escandinavo e inglês, estava associada com Odin (Woden), colocando-o como presidindo essa caçada sobrenatural, em que uma horda de cavaleiros e guerreiros apareceria atravessando o céu noturno em determinadas épocas do ano, por motivos distintos.

Na tese de Pablo Miranda (2021) é possível ler sua densa análise a respeito da caçada selvagem, onde em algumas narrativas figura a presença de Odin (Woden). Embora Miranda tenha analisado principalmente versões desse folclore entre os séculos XI e XIII, ele salienta que Odin começou a surgir como líder dessa caçada somente mais tardiamente a partir do século XVI, constando em produções suecas e inglesas. Apesar disso, é possível que Southey tenha lido algum poema ou relato a respeito para citar essa referência, mesmo que ela apareça de forma bem sucinta em sua obra.

Os versos seguintes prosseguem com rimas exaltando a guerra, o combate, fazendo alusões ao ato de lutar, aqui temos o eu lírico se pronunciando quanto a função religiosa de Odin como uma divindade da guerra, o qual acolhe os guerreiros valorosos que morreram.

Sobre isso, percebe-se que Southey tentou se aproximar dos poemas medievais escandinavos quanto ao uso de figuras de linguagens, em particular dos *kenningar* (plural de *kenning*), uma figura que combina aspectos da metáfora, da metonímia, da aliteração e da perífrase para criar expressões poéticas. (Faulkes, 1997).

Isso é perceptível em versos como “inundações de matança púrpura jorrando” (carnificina), “que derrama a corrente de sua vida” (sangue), “o levará para seu abençoado refúgio” (Valhala). Ao nosso ver a tentativa do autor de emular um *kenning* foi válida, mas faltou os referenciais mitológicos, os quais são marcantes na feitura de alguns *kenningar*, pois recorrendo-se a *Edda em Prosa*, cuja obra é também um manual poético, existe um estudo sobre os *kenningar* na seção do *Hattátal* (“Contagem métrica”), em que Snorri Sturluson ensinava aos poetas como usar o *kenning* para fazer rimas e compor os versos.

No entanto, O’Donoghue (2018) sugere que essas rimas feitas por Southey teriam advindo da leitura do poema sobre Ragnar Lodbrok. Ao consultarmos esse poema, realmente nos deparamos com estilo similar. Inclusive o autor também salientou algo do tipo visto nos poemas de Thomas Gray. Assim, é possível que a falta de rimas usando referências mitológicas se deva a uma escolha do autor em emular essas obras.

De qualquer forma, Krávolá (2019) salienta que Southey teria optado em substituir as referências mitológicas dos *kenningar* por referências políticas. Sobre isso destacamos os seguintes três versos:

<p>Feed the raven with your spoil;          Go, prepare the eagle's food,          Go, and drench the wolf with          blood</p>	<p>Alimentai o corvo (germânicos) com vosso saque;          Ide, preparai o alimento da águia (romanos),          Ide, e encharcai o lobo (romanos) com sangue</p>
--	--

Embora a águia e o lobo sejam animais associados com a Religião Nórdica Antiga e sua mitologia<sup>29</sup>, no poema, Southey atribuiu seus simbolismos aos romanos, a águia como símbolo

<sup>29</sup> Sobre o simbolismo da águia confira: [https://www.academia.edu/17000347/O\\_simbolismo\\_da\\_%C3%A1guia\\_na\\_religiosidade\\_n%C3%B3rdica\\_pr%C3%A9\\_crist%C3%A3\\_e\\_crist%C3%A3](https://www.academia.edu/17000347/O_simbolismo_da_%C3%A1guia_na_religiosidade_n%C3%B3rdica_pr%C3%A9_crist%C3%A3_e_crist%C3%A3). Já sobre o simbolismo do lobo, veja: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/33556>.

imperial e o lobo numa referência ao mito de Rômulo e Remo, em que os gêmeos foram amamentados por uma loba quando eram bebês.

Mas, dando continuidade à análise, enquanto na estrofe anterior Odin em seu monólogo de partida, enaltece os guerreiros valentes, os quais serão dignos de se juntar a ele após a morte, na estrofe seguinte ele comenta sobre os covardes, os quais não terão o mesmo destino. Dentro do discurso de valorização da coragem e do ideal de guerreiro que aparece em alguns mitos e sagas, a covardia costuma ser malvista. Assim, Southey escreveu que para o covarde a deusa Hel apareceria sobre seu leito e as valquírias não iriam ouvir seu clamor, já que elas eram responsáveis por ir buscar suas almas e levá-las ao Valhala.

Por sua vez, a menção a Hel advém de uma referência presente na *Edda em Prosa*, na qual Snorri Sturluson informou que aqueles que morreram de doença, assassinato e sem glória no campo de batalha, iriam para o salão de Hel. Por conta disso, Southey redigiu vários versos descrevendo o quão decepcionante era a morte do covarde, estando destinado ao sombrio e frio salão da deusa Hel.

A respeito, a *Edda em Prosa* descreve o salão de Hel (chamado de Eljudnir) como sendo um local escuro e frio, mas não necessariamente ruim, inclusive não há descrições de tormentos ali. Sobre isso, Southey mesclou algumas referências ao citar Niflheim (“reino da neblina”), local frio e congelado, ora associado com a morada dos gigantes de gelo, ora como sendo parte do submundo, onde residiria Hel. Por sua vez, Niflheim (que é citado na *Edda Poética*) poderia ser uma variação do nome Niflhel (“túmulo nebuloso”), descrito na *Edda em Prosa*, como um local de tormentos situado abaixo de Hel. (Oliveira, 2017).

No entanto, nossa interpretação é que Southey tenha feito uma referência a Náströnd não necessariamente a Niflhel. Ele escreveu que Niflheim seria uma “cela lúgubre”, onde o morto estaria sob vigia do “Remorso” (pois ele se arrepende de não ter sido valente) e a “Angústia” alimentaria as cobras torturantes. Esse verso sobre serpentes é uma alusão direta ao mito de Náströnd, o qual é citado nas estrofes 37 e 38 do poema *Völuspá* da *Edda Poética* e também e no final do *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*. Apesar de ligeiras diferenças entre os dois relatos, ambos descrevem Náströnd como um salão sombrio, com rios de veneno que gotejavam de incontáveis serpentes e por ali vagavam os condenados que em vida cometeram crimes de assassinato, perjuro e assédio contra mulheres casadas. (Oliveira, 2017).

O autor não mencionou esses três crimes, apenas limitando-se a salientar que os covardes seriam assim punidos. De qualquer forma, ele prosseguiu os versos seguintes em sua descrição trágica sobre o destino dos covardes. Ao terminar esse comentário, Odin agora exorta seus companheiros a irem para a batalha para não morrerem como covardes. Dessa forma, as estrofes finais do poema são marcadas por um discurso motivacional de incentivo a bravura. Neste ponto, Thor volta a ser mencionado novamente, sendo brevemente destacado como um homem valoroso, cujo nome era temido pelas nações, além de ter sido o “primeiro guerreiro”, uma referência ao papel marcial dessa divindade, já que há vários mitos que retratam Thor participando de alguma luta.

Além dessa referência a Thor, Southey retomou o discurso de vingança também presente no poema *The Race of Odin*, em que novamente Odin pede para que seu povo confronte os terríveis romanos e vingue a destruição de Asgard. Aqui percebe-se o ideário político do autor nitidamente retratado como comentado anteriormente. Mas em meio a essa recomendação por vingança, Southey fez referência aos Celtas, outro povo que combateu os romanos. Inclusive ele citou alguns deuses celtas como Taranis e Tentates.

Mas o destaque consiste na menção sobre a invasão romana da Gália, longa campanha ocorrida durante as Guerras Gálicas (58-52 a.C.) empreendidas por Júlio César (100-44 a.C.), que terminaram com a anexação da Gália aos domínios romanos. Assim, Odin alertava aos seus companheiros para que não cometessem esse mesmo erro, em que segundo ele, os gauleses iludidos pelo “luxo” foram vencidos pelos romanos.

Sendo assim, essa referência ao luxo feita por Southey alude ao fato de que alguns chefes gauleses foram comprados para trair seu povo, enquanto outros gauleses ao viajarem para Roma ou outras de suas grandes cidades, se maravilharam com o esplendor das mesmas. (Gilliver, 2002). Acreditamos que esse comentário também seja baseado nas ideias de Rousseau, quando ele dizia que o homem nascia livre, mas a sociedade o corrompia. Para Southey e outros artistas e acadêmicos da época, os chamados “povos bárbaros”, viveriam de forma mais “livre” e “menos corrupta” do que a vista na sociedade romana. Aqui percebe-se o discurso de Rousseau a respeito do “bom selvagem”<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> A respeito, conferir o livro *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755) de Rousseau.

Por fim, o poema se encerra com Odin se suicidando, perfurando o peito. A respeito, tal ato não foi visto de forma negativa ou covarde, mas um gesto heroico, um sacrifício daquele bravo guerreiro, o qual tirou sua vida para se tornar um mártir ao seu povo, um símbolo de resistência e perseverança. Ideias as quais Mortensen (2000) comenta que Southey parece que pretendia deixar destacado nesse poema e no outro.

Mas esse sacrifício feito por Odin encontra um pouco de fundamento na mitologia nórdica, pois o deus se enforcou pendurado na árvore Yggdrasil<sup>31</sup> e depois se perfurou com uma lança, permanecendo morto por nove dias e nove noites. Todavia, ele ressuscitou após isso e obteve o segredo das runas, enquanto que no poema de Southey, é dito que o mesmo faleceu e seguiu para Valhala. Frisamos também que na mitologia Odin morre duas vezes: a primeira por autossacrifício, embora tenha ressuscitado como dito. Já a segunda vez ocorre durante os conflitos do Ragnarök, quando o lobo gigante Fenrir o assassina<sup>32</sup>.

Apesar de haver essas duas narrativas nos mitos, as quais podem ser lidas em ambas as *Eddas*, porém, Southey decidiu criar sua própria versão da morte dele, tornando-o um personagem mais humanizado. Dessa forma, o poema concede um desfecho valoroso a esse chefe germânico, que morreu resistindo a opressão romana e tirou a vida para se tornar inspiração ao seu povo, que, por sua vez, refletia os anseios revolucionários do jovem Southey quanto as expectativas do andamento da Revolução Francesa, na qual ele esperava que o republicanismo viesse a triunfar.

Mas para a tristeza dele, os revolucionários foram se corrompendo, até finalmente Napoleão Bonaparte assumir o poder do Consulado (1799-1804) e depois se tornou um imperador absolutista (1804-1815). Tais acontecimentos impactaram profundamente Southey a ponto de ele desistir do republicanismo anos depois e se tornar monarquista.

### Referências Bibliográficas:

#### *Fontes primárias*

*POETIC Edda*. Translated by Carolyne Larrington. Revised edition. Oxford: Oxford University Press, 2014.

---

<sup>31</sup> Conferir o poema *Havámal* na *Edda Poética*.

<sup>32</sup> Conferir o poema *Völuspá* na *Edda Poética* e o final do *Gylfaginning* na *Edda em Prosa*.

- SAXO Grammaticus. *Gesta Danorum: The History of the Danes*, vol. 1. Translated by Peter Fisher. Oxford: Oxford University Press, 2015. 3v
- SOUTHEY, Robert. The Death of Odin. In: LOVELL, Robert; SOUTHEY, Robert. *Poems: containing The retrospect, odes, elegies, sonnets, &c.* Bath: Printed by R. Cruttwell, p. 103-109.
- SOUTHEY, Robert. The Race of Odin. In: LOVELL, Robert; SOUTHEY, Robert. *Poems: containing The retrospect, odes, elegies, sonnets, &c.* Bath: Printed by R. Cruttwell, p. 97-102.
- STURLUSON, Snorri. *The Uppsala Edda*. Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London, 2012.

#### Fontes secundárias

- ANDERSON, Perry. *Lineages of the Absolutist State*. Londres: Verso, 1974.
- ANDREWS, Stuart. *Robert Southey: history, politics, religion*. New York: Palgrave MacMillan, 2011.
- DARVILL, Timothy. Goths. In: *The Concise Oxford Dictionary of Archaeology*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- FAULKES, Anthony. *Poetic Inspiration in Old Norse and Old English Poetry*. London: Viking Society for Northern Research, 1997.
- GILLIVER, Kate. *Caesar's Gallic Wars 58–50 BC*. London: Osprey Publishing, 2002.
- GOFFART, Walter. *Barbarian Tides: The Migration Age and the Later Roman Empire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- GRUNDY, Stephan. Freyja and Frigg. In: BILLINGTON, Sandra; GREEN, Miranda (eds.). *The concept of the Goddess*. London/New York: Routledge, 1996.
- KRÁLOVÁ, Magda. When Óðinn Meets Pompey. Norse and Classical Elements in English Literature at the Turn of the 18th and 19th Century. *Graeco-Latina Brunensia*, v. 24, n. 2, p. 125-141, 2019.
- LANGER, Johnni. Odin. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 345-353.

- LJØGODT, Knut. "Northern Gods in Marble": The romantic rediscovery of Norse Mythology. *Romantik*, n. 1, p. 141-165, 2012.
- MACKILLOP, James. *Dictionary of Celtic Mythology*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- MADDEN, Lionel (ed.). *Robert Southey: the critical heritage*. London: Routledge, 2002.
- MIRANDA, Pablo Gomes de. *Mito e rito na Europa setentrional pré-cristã: investigando a caçada selvagem na poesia e prosa escandinava do séc. XII-XIV*. 302f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- MORTENSEN, P. "The Descent of Odin": Wordsworth, Scott and Southey Among the Norsemen. *Romanticism*, v. 6, n. 2, p. 211-232, 2000.
- O'DONOGHUE, Heather. English Romanticism and Norse Mythology. In: ROSS, Margaret Clunies (ed.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout, Belgium: Brepols, 2018, p. 383-390.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. O Inferno nórdico? Um estudo interpretativo sobre Náströnd. *Plura*, Revista de Estudos de Religião, v. 8, n. 1, p. 183-211, 2017.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. Vikingmania: dois séculos de construção da representação do viking. *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 4, p. 469-502, 2021.
- RIX, Robert W. Oriental Odin: Tracing the east in northern culture and literature. *History of European Ideas*, v. 36, p. 47-60, 2010.
- ROSS, Margaret Clunies; LÖNNROTH, Lars. The Norse Muse Report from an International Research Project. *Alvíssmál*, n. 9, p. 3-28, 1999.
- SIMEK, Rudolf. *Dictionary of Northern Mythology*. Translated by Angela Hall. 4. Reprinted. Woodbridge: D.S. Brewer, 1993.
- VARELLA, Flavia Florentino. *Reunindo o passado: contextos discursivos e linguagens historiográficas na History of Brazil de Robert Southey*. 323f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- WELLENDORF, Jonas. *Gods and Humans in Medieval Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.